

Rodrigo Lima Santos

Doutorando em Geografia, IESA-UFG, Bolsista CAPES,
Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento - LAPIG
rlimasantos3@gmail.com

Fabrizia Gioppo Nunes

Doutora em Geologia Ambiental (UFPR), Professora Adjunta da Universidade
Federal de Goiás (UFG), no Instituto de Estudos Sócio Ambiental (IESA)
fabrizia.iesa.ufg@gmail.com

Imperatriz do Maranhão: proposição para a compreensão do processo de ocupação e consolidação da cidade

Resumo

Este trabalho ressalta aspectos importantes do processo formativo da cidade de Imperatriz, considerada a segunda maior cidade do estado do Maranhão, situada na região nordeste brasileira. Como objetivo central eleger-se a discussão e a análise do processo de ocupação da cidade, na elaboração de um modelo teórico que permita aglutinar esse entendimento. Assim, propõe-se que tal processo seja entendido mediante a abordagem das frentes de ocupação, dos estágios evolutivos e da sucessão das atividades econômicas. Como resultado, a abordagem permitiu identificar que, no histórico de formação da cidade, houve três estágios importantes e distintos, respectivamente pelas características: “exploratória”, “desenvolvimentista” e, atualmente, a “consolidação”, todos compostos por atividades comerciais distintas, configuradoras dos estágios econômicos.

Palavras-chave: cidade, frentes de ocupação, estágios evolutivos, atividades econômicas.

Abstract

IMPERATRIZ DO MARANHÃO: PROPOSITION FOR THE UNDERSTANDING OF THE PROCESS OF OCCUPATION AND CONSOLIDATION OF THE CITY

This work highlights important aspects of the formative process of the city of Imperatriz, considered the second largest city in the state of Maranhão, located

in the northeast region of Brazil. A central objective is the discussion and analysis of the process of occupation of the city, in the elaboration of a theoretical model that allows to agglutinate this understanding. Thus, it is proposed that this process be understood through the approach of occupation fronts, evolutionary stages and succession of economic activities. As a result, the approach allowed to identify that in the history of formation of the city, there were three important stages and distinguished, respectively by the characteristics: "exploratory", "developmental" and now "consolidation", all composed by distinct commercial activities, economic conditions.

Key-words: city, fronts of occupation, evolutive traineeships, economical cycles.

1. Introdução

O município de Imperatriz-MA possui mais de um século e meio de existência. No período, compreendido entre 1852 a 2017, ele passou por intensas transformações de ordem política, territorial, econômica, ambiental, urbana e social. Na tentativa de contribuir com o entendimento desse processo, tão longo e cheio de meandros, alguns autores lançam mão das periodizações, relativas ao processo de ocupação e consolidação do município, tomando-se, como base, documentos históricos e fontes censitárias.

Tal possibilidade torna-se indispensável ao geógrafo, pois permite a leitura da produção do espaço geográfico, de maneira mais eficaz e atenta aos fatos históricos. Entre os autores que estudam a formação territorial do estado do Maranhão, se encontram Trovão (2008) e Ferreira (2008). Já o processo de ocupação territorial em Imperatriz é trabalhado, dentre outros autores, por Lima (2008), que ressalta o papel das frentes de ocupação, problematizando os ciclos econômicos do arroz, da madeira e da borracha, pelo viés de fatores ocorridos no cenário, inclusive nacional, ressaltando, ainda, que o ciclo econômico por si só não seria capaz de explicar o processo de crescimento.

Franklin (2005; 2008) se utiliza desta mesma abordagem, porém, direcionando-a ao interesse de entender como essas frentes agiram no sul do estado do Maranhão, até a fundação de Imperatriz. Para explicar o crescimento e o desenvolvimento da cidade, este autor emprega a demarcação de ciclos econômicos, delimitando-os em um total de sete. Coutinho (1994),

Sanches (2003) e Barbosa (2010; 2015) também prestam a sua contribuição ao discutirem partes dessas atividades econômicas.

Sousa (2005), por sua vez, compreende o processo de desenvolvimento da cidade a partir da década de 1960, reconhecendo, portanto, os ciclos do arroz, da pecuária e da extração vegetal. Sua apreciação está focada nas estratégias recentes de ocupação da Amazônia. Neste cenário, Becker (1982) aduz que a Amazônia brasileira passa a ser percebida, desde a segunda metade do século XX, como uma região de imensas possibilidades, se constituindo em uma verdadeira fronteira de recursos, devido a seu valor estratégico e ao alto valor de seus recursos naturais.

Martins e Kamimura (2012) mencionam a construção da rodovia Belém-Brasília, de integração nacional, como um fator que impulsionou o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Para os autores (2012), Imperatriz é hoje uma das cidades mais prósperas da região Tocantina, pois, com a construção da rodovia, a cidade vivenciou um momento de migração muito forte, com pessoas advindas de várias partes do Brasil.

Nesse sentido e em complemento a essa temática, propomos neste artigo uma nova visualização da abordagem, baseada nas atividades econômicas trabalhadas por essa diversidade de autores. Tal abordagem é desenvolvida agrupando-se as atividades em diferentes estágios de evolução do processo de ocupação, respaldados em aspectos importantes tanto para a origem quanto para a consolidação do território imperatrizense.

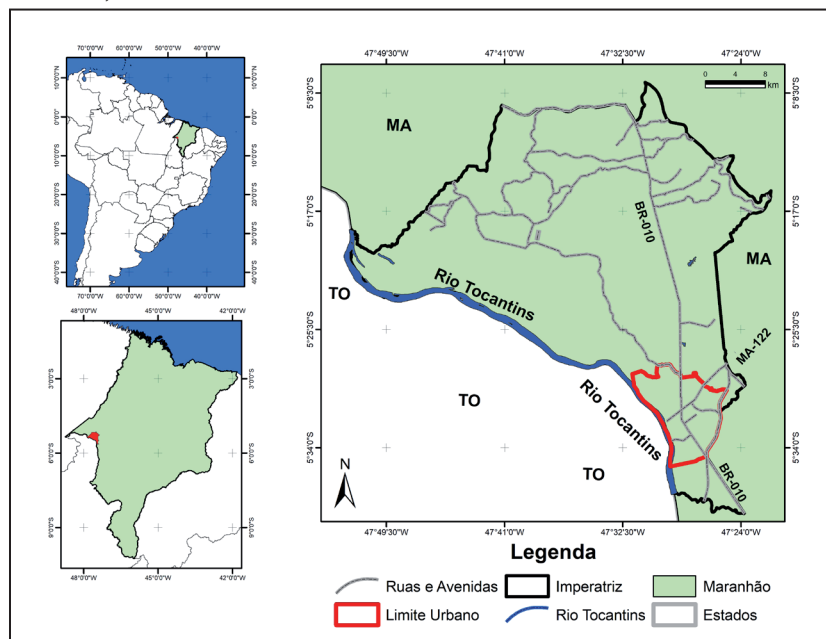
Para tanto foi discutido o processo de ocupação, reconhecendo os fatores direcionadores tanto da ocupação do Maranhão como da expansão das atividades econômicas de Imperatriz, em um fluxograma teórico/explicativo. Desta forma, este trabalho procurou oferecer uma abordagem diferenciada para o processo de ocupação de Imperatriz, justificando-se sua realização com base na diversidade de abordagens encontradas sobre tal processo e o pouco diálogo entre elas. Assim, ressalta-se o caráter dessa proposta, na medida em que reúne esforços para sistematizar de forma gráfica um processo discutido, nas referências pesquisadas, apenas de forma teórica.

1.1 Área de estudo

O município de Imperatriz, fundado em 1852, localiza-se na porção oeste do estado brasileiro do Maranhão, em uma área com predomínio de formação florestal mista, entre o bioma Amazônico e o bioma Cerrado. Sede da Região de Planejamento do Tocantins e da Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense e atravessado pela Rodovia Belém-Brasília (BR-010), o município faz divisa a oeste com o estado do Tocantins, separado pelo rio de mesmo nome (figura 1).

Possui uma área de 1.368,987 km², dos quais apenas 92,780 km² são classificados pelo Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) como área urbana. Esta pequena porção abriga sozinha cerca de 92% da população imperatrizense. Segundo informações do mesmo instituto, sua população total estimada no último censo demográfico era de 247.505 habitantes (IBGE, 2010).

Figura 1
LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ



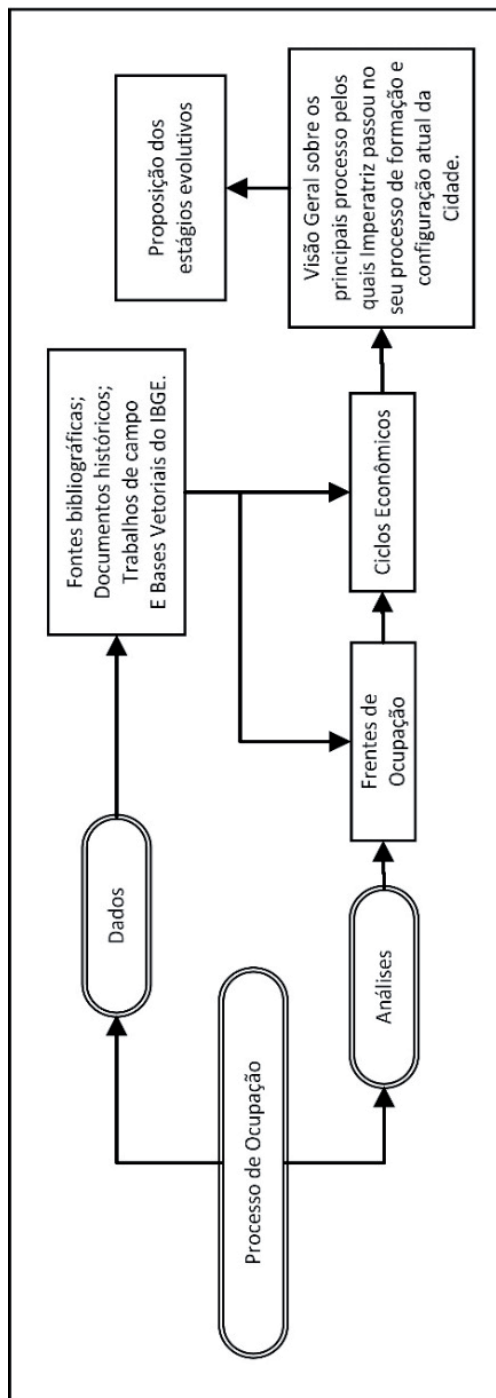
Fonte: Base de Dados: IBGE, IMESC. Elaborado pelos autores (2017).

Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), Imperatriz, no ano de 2015, apresentou “7,60% de participação do PIB do Estado, ocupou o 2° lugar no *ranking*, uma vez que não houve mudança em relação ao ano anterior. Sua distribuição setorial corresponde a 0,77% na agropecuária, 34,78% na indústria e 64,45% no setor de prestação de serviços” (IMESC, 2017, p. 34). Esses dados corroboram para evidenciar a força da atividade comercial na cidade. O PIB *per capita*, por sua vez, foi de R\$ 21.815,85: isso manteve o município ocupando o “8° posto no *ranking* dos municípios maranhenses. Em relação ao *ranking* dos municípios brasileiros, houve mudança de posto do 1.396° para 1.438° em 2015” (IMESC, 2017, p. 40).

2. Metodologia

Os procedimentos metodológicos deste trabalho basearam-se em grande parte no levantamento de documentos históricos e análises bibliográficas. Foram selecionados autores que trabalham com o processo de ocupação do estado do Maranhão/Brasil e, especificamente, da cidade de Imperatriz. Os dados vetoriais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE foram utilizados com a finalidade de desenvolver os mapas apresentados, que foram consolidados por meio do trabalho de campo, para averiguar informações, dentre outros aspectos, sobre as atividades comerciais atualmente desenvolvidas. A figura 2 apresenta o detalhamento dos procedimentos realizados.

Figura 2
PROCEDIMENTO METODOLÓGICO ADOTADO



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Dessa forma, para entender o processo de ocupação, compartimentou-se a análise em dois momentos. O primeiro referente às frentes de ocupação, ligadas à ocupação do sul do estado do Maranhão, e o segundo, apontando a natureza das atividades econômicas, essas ligadas, de modo imediato, ao município de Imperatriz. Assim, a partir da compartimentação, foi possível criar uma nova abordagem para a leitura do processo de expansão econômica e formação do município, com base na literatura consultada e segundo fatores determinantes, tais como: a capacidade técnica empreendida no período, a natureza das ações realizadas e dos eventos históricos ocorridos. Tais fatores tiveram implicações diretas sobre o modo como a cidade desenvolveu-se: dessa maneira, foram pensados três estágios evolutivos, a fim de explicar o crescimento e o desenvolvimento da cidade.

3. As frentes de ocupação

O início da ocupação de determinada área é, na maioria das vezes, um processo carregado por constante dinâmica e que perpassa por diferentes momentos, constituído por configurações e arranjos da paisagem, seja em escala local ou regional. Tais arranjos são, na verdade, produtos das transformações que ocorrem ao ambiente, de acordo com as capacidades técnicas, econômicas, políticas e científicas da sociedade e tendo, muitas vezes, o Estado como direcionador dessas mudanças.

Nesse sentido, conhecer o processo de ocupação da cidade de Imperatriz-MA pressupõe entender como e a partir de quais circunstâncias o sul do estado do Maranhão foi ocupado. Assim, depreendem-se esforços nas próximas páginas para elaborar essa análise baseada na abordagem das *Frentes de Ocupação* do sul do estado e do *Processo de Expansão da Economia* municipal por meio das etapas representativas de cada atividade desenvolvida, como já o fizeram, em alguma medida, autores como Coutinho (1994), Sanches (2003), Franklin (2005; 2008), Ferreira (2008), Lima (2008), Sousa (2005; 2015), Franklin e Sousa (2013), Barbosa (2010; 2015) e Rocha (2015).

Para buscar essas e outras respostas frente ao reconhecimento de todas essas ações, faz-se necessário assumir recortes temporais e/ou

periodizações, que tomam como base a concepção de *técnica*, apresentada por Santos (1994), para designar o estágio de desenvolvimento atingido por uma sociedade.

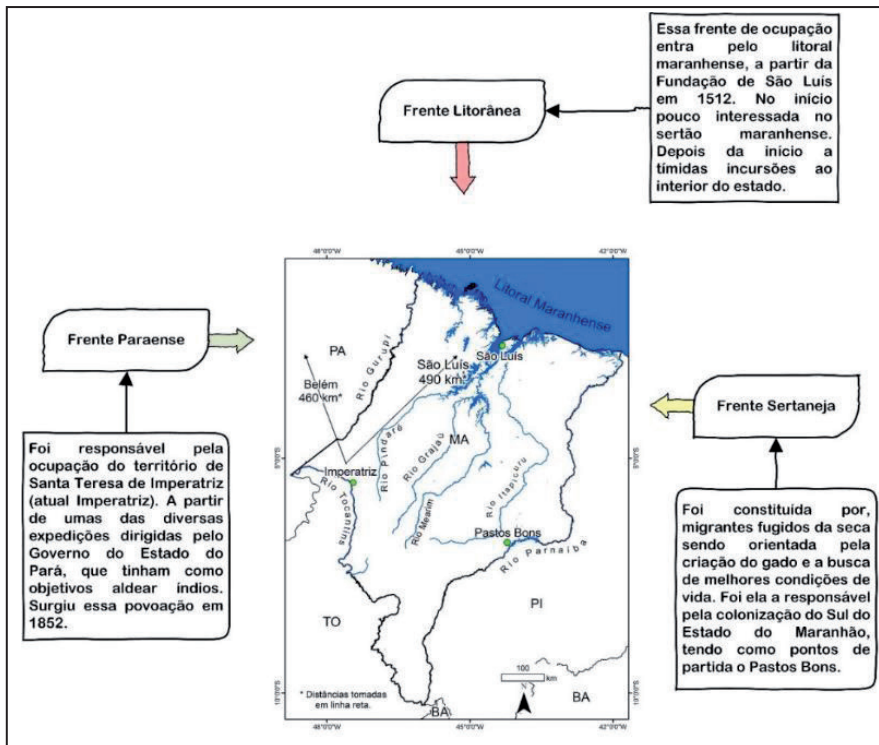
O Maranhão, na segunda metade do século XIX, quando Imperatriz começara a desenhar-se, era um estado pouco desenvolvido e, de acordo com Santiago (1929), possuía poucas interligações terrestres, com transporte baseado em vias fluviais. Pouco povoado, a maior concentração de pessoas localizava-se em sua capital, São Luís, fato demonstrado por Egler (1951), ao espacializar a população utilizando dados censitários de 1940. Esse fato teve, como consequência, que os interesses econômicos estivessem voltados ao comércio europeu e também para outras capitais vizinhas, a exemplo de Belém.

A ocupação do sul do estado do Maranhão e, conseqüentemente, do município de Imperatriz, pode ser explicada a partir de três frentes de ocupação, a primeira no sentido norte/sul, a segunda no sentido oeste/leste e a última no eixo noroeste/sudeste. Respectivamente, constituem as frentes Litorânea; Sertaneja e Paraense, sendo essa última responsável pela fundação da Vila de Imperatriz. Para uma melhor contextualização, a figura 3 traz as principais frentes de ocupação do sul do estado e suas principais características.

Desse modo, a frente Litorânea teve como principal característica o controle do Estado na sua condução, utilizando-se principalmente da farta hidrografia representada pelos rios Itapecuru, Munin, Pindaré e Mearim. Segundo Rocha (2015), esta frente de ocupação foi dirigida pela atividade agroexportadora.

Figura 3

ESQUEMA INFORMATIVO DAS FRENTES DE OCUPAÇÃO DO SUL DO MARANHÃO



Fonte: Arquivos Vetoriais IBGE. Elaborado pelos autores (2017) e concebido a partir das leituras de Ferreira (2008), Trovão (2008) e Franklin (2005; 2008).

A frente de ocupação Sertaneja foi uma frente de expansão notadamente dirigida pela atividade de criação do gado, sem o apoio do Estado nem da Igreja e iniciando seu processo de avanço na segunda metade do século XVI. Para Franklin e Carvalho (2005), estavam estabelecidas, portanto, as condições e o direcionamento da migração, pois

[...] começava nesse período, no médio Parnaíba, um movimento colonizador oriundo dos estados da Bahia e Pernambuco, patrocinado pela Casa da Torre, que atravessou o sertão nordestino, instalou-se no Piauí e entrou no Maranhão, nos denominados "pastos bons". Inicialmente lideradas por Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Sertão, que se estabeleceram no Piauí, essas entradas tinham o intuito de afugentar e aprisionar índios e ocupar suas terras com novas fazendas (FRANKLIN; CARVALHO, 2005, p. 57).

Essa frente chega às margens do Rio Parnaíba somente na primeira metade do século XVIII, cruzando-a e fundando o Arraial de Pastos Bons (figura 3), ponto de partida para o avanço da colonização do sul do estado e das fazendas no sul do Maranhão. Franklin e Carvalho (2005, p. 57) ressaltam ainda que “vaqueiros da Bahia começavam a tomar conta das ribeiras do alto Parnaíba, abrindo caminho na direção oeste, região dos rios Manoel Alves Grande e Tocantins”.

A frente Paraense, por sua vez, é que se encarrega da ocupação do sudoeste maranhense, sendo a responsável pela escolha do local e pela fundação da Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins (posteriormente denominada Vila Nova de Imperatriz e depois somente Imperatriz, quando elevada à categoria de cidade). Essa frente foi organizada por iniciativa do governo da província do Pará e tinha como objetivo o aldeamento de índios e o reconhecimento de territórios.

Em 1852, surge a povoação denominada Colônia Militar de Santa Teresa do Tocantins, a partir de uma dessas expedições que faziam parte de um programa de aldeamento do Governo do estado do Pará, composta por onze embarcações e cerca de 200 homens. Partindo da capital Belém, foi comandada pelo tenente-coronel João Roberto Ayres Carneiro, tendo como capelão o frade carmelita baiano frei Manoel Procópio do Coração de Maria. Nessa época já havia, de forma isolada, fazendas de criação de gado nas proximidades, tocadas por criadores que avançavam no eixo oeste/leste do estado, frutos da frente Sertaneja.

4. O Processo de Expansão da Atividade Econômica

A partir da fundação da Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins, o fator que vai explicar seu crescimento e desenvolvimento bem como sua atual condição é o potencial econômico. Tal condição, para Sousa (2015), eleva a cidade ao patamar de “cidade hegemônica”. É preciso lembrar que a economia, no entanto, não se cria e fortalece da noite para o dia, porém se constitui de um processo formativo, carregado de valores e expressões do tempo e do espaço que reverberam na condição técnica de determinado

momento, pois, “a realidade não é um todo já acabado” (BERNARDES, 2012, p. 250).

Assim, parte-se da periodização como elemento balizador da análise para desenvolver o fluxograma teórico apresentado adiante, o que, para Bernardes (2012), significa dizer que:

As periodizações [...] na reconstrução do processo de produção do espaço constituem a manifestação concreta de uma forma de produzir, já que o espaço é condição geral de cada forma de produção, [...], sendo o acesso a essa condição de produção o espaço equipado, razão pela qual, em sua formulação, deve-se partir do espaço histórico anterior, inscrito em determinada produção (BERNARDES, 2012, p. 251).

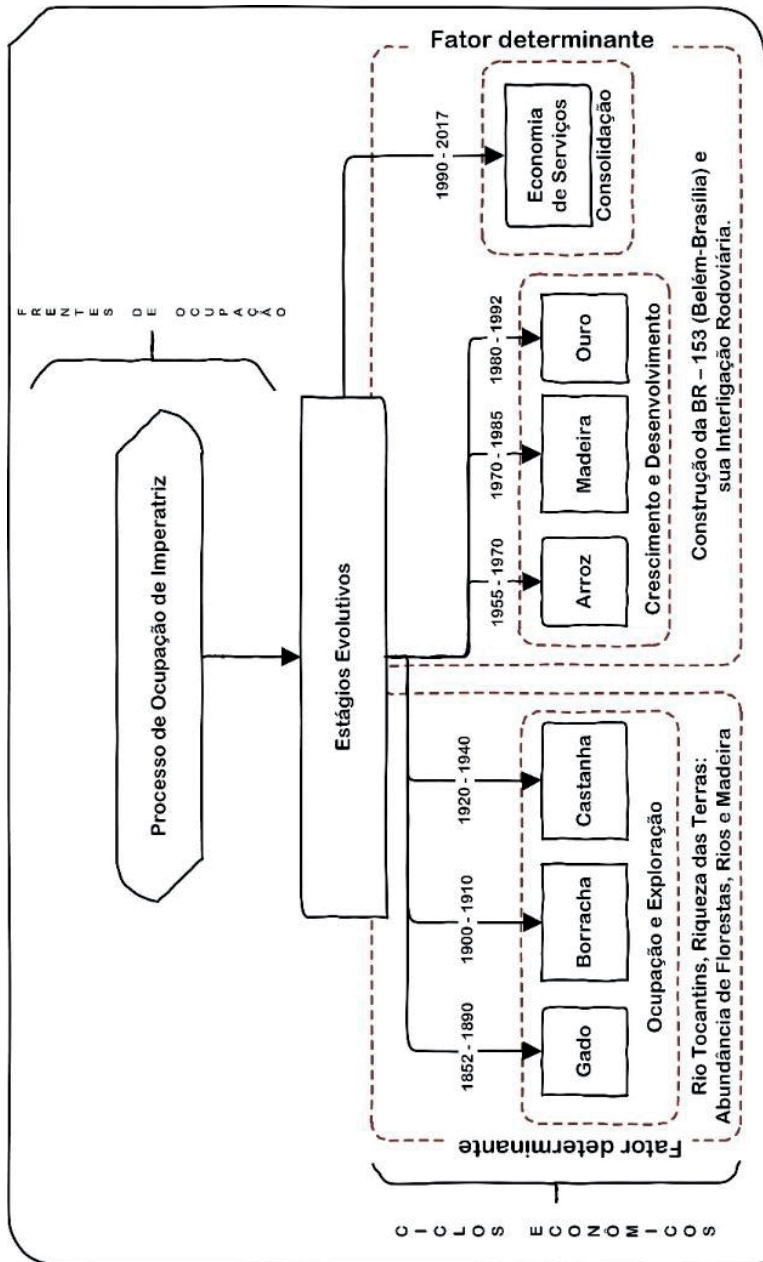
A partir de tal viés, como padrão explicativo, as periodizações são muito úteis para compreensão da realidade. No entanto, em uma importante consideração ao referir-se ao processo de desenvolvimento e crescimento de Imperatriz, Lima (2008) atesta que:

[...] os critérios interpretativos para o desenvolvimento e crescimento da cidade a partir, sobretudo, dos “ciclos econômicos”, da posição geográfica e das estradas, longe de serem naturalizados como fazem muitos estudos, devem ser relativizados como padrão explicativo. Mesmo a análise que se refere ao crescimento de Imperatriz em relação à orientação política para o desenvolvimento do capitalismo deve ser lida com ressalvas, pois a intenção de tais políticas não era o crescimento e urbanização da cidade, e sim, de implementar políticas que viabilizassem o acesso do capital, a essas terras longínquas [...] (LIMA, 2008, p. 89).

Dessa maneira, na figura 4 pretende-se sistematizar de forma gráfica os processos que foram responsáveis pela ocupação, pelo desenvolvimento e pela consolidação de Imperatriz mediante a discussão dos períodos econômicos e de seus respectivos fatores estruturantes, para os quais foram decisivos: o rio Tocantins; a abundância das terras e florestas e; os fatores políticos, como a interligação rodoviária, que incluiu várias vias terrestres, inclusive a Rodovia BR-010, conhecida como Belém-Brasília.

Neste contexto, são reconhecidos três grandes momentos, o primeiro relativo à ocupação e à exploração, o segundo ao crescimento e ao desenvolvimento e o último à consolidação da cidade, que serão melhor analisados a seguir.

Figura 4
ESQUEMA TEÓRICO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS, SUA PERIODIZAÇÃO E ELEMENTOS INFLUENCIADORES



Fonte: Elaborado pelos autores (2017), concebido a partir da leitura de Coutinho (1994); Sanches (2003); Franklin (2005; 2008); Lima (2008); Barbosa (2010) e Sousa (2005; 2015).

4.1 *Ocupação e exploração*

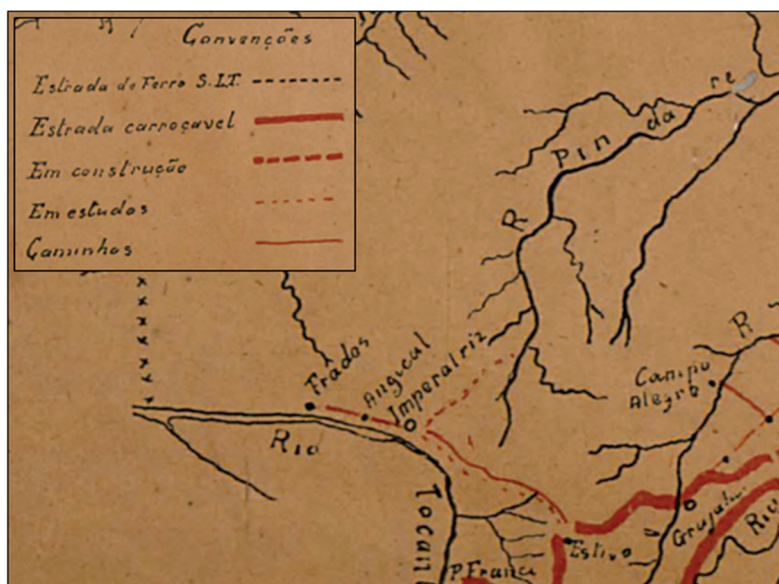
Constitui o primeiro momento respectivamente as etapas constituídas pelos ciclos do gado, da borracha e da castanha (figura 4). Antes de aprofundarmos tal análise, Franklin (2008) e Lima (2008) nos fazem um alerta. Para os autores, as atividades econômicas discutidas a seguir não tiveram caráter hegemônico em sua própria época, mas foram atividades que se sobressaíram em relação às demais e, inclusive, muitos dos períodos econômicos tiveram seu pontapé inicial em meados do anterior.

Assim sendo, a atividade pecuária foi responsável pela chegada dos primeiros habitantes no sul do estado do Maranhão e, por consequência, no sertão imperatrizense. Esses habitantes vinham dos mais diversos estados do Nordeste, principalmente fugidos da seca, à procura de melhores condições de vida e terras livres para se estabelecer e praticar pequenos plantios, sem a necessidade da partilha da produção. Esta prática ocorria quando se plantava em terras arrendadas, como era o costume à época.

Franklin (2008, p. 36) ressalta ainda que “[...] nas duas primeiras décadas de fundação da Vila de Santa Teresa, multiplicava-se o número de fazendeiros oriundos do velho território dos Pastos Bons, por onde adentrou a frente Sertaneja (figura 3), sobretudo de Carolina, Riachão e Grajaú”. Nesse período, que durou 38 anos, de 1852 até 1890, marcado pela presença do gado, já era visível a atividade agrícola, mas apenas com o caráter de subsistência. Na ocasião, Imperatriz vivia um isolamento marcado pela ausência de vias terrestres de interligação com o restante do estado e do país, na primeira metade do século XX, de acordo com Santiago (1929). A figura 5 mostra que, em 1929, no território de Imperatriz, havia apenas estradas em fase de estudos para implantação.

Figura 5

ESTRADAS DE RODAGEM NO ESTADO DO MARANHÃO, EM DESTAQUE A SITUAÇÃO DE ISOLAMENTO DE IMPERATRIZ – MA



Fonte: Santiago (1929).

No que diz respeito à inserção da Vila Nova de Imperatriz no ciclo da borracha e do látex na Região Amazônica, mais especificamente no estado do Pará, esta ocorreu no início dos anos de 1900. Os relatos de Sanches (2003) e Franklin (2008) mostram que ela aconteceu por sua descoberta na região do médio Tocantins e sul do Pará, feita pelos irmãos Antônio e Hermínio Pimental, criadores de gado maranhense. Na ocasião, foram impedidos de seguir viagem, ficando presos pela cheia do rio Tocantins. Foi nesse momento que eles empreenderam algumas expedições e encontraram, em uma delas, o látex, enviado em seguida ao governo do estado do Pará para reconhecimento.

Assim, inicia-se o movimento de extração e comercialização dessa nova riqueza, que atingiu a Vila Nova de Imperatriz de maneira secundária, pois esta era o centro mais próximo do emergente núcleo de extração na região, servindo de cidade mantenedora e tendo como principal papel o fornecimento de gêneros alimentícios em geral.

Por último, observa-se, no período compreendido entre 1920 e 1948, ao final do período de ocupação e exploração, a emergência do ciclo de coleta da castanha (*Bertholletia excelsa*), principalmente nas terras paraenses. Daí a denominação de *Castanha-do-Pará*. Essa atividade teve um impacto considerável sobre a cidade, pois, na época da coleta, os trabalhadores, predominantemente os homens, partiam não só de Imperatriz, mas também das localidades próximas, para o estado do Pará, e chegavam a passar cerca de seis meses do ano nos castanhais.

Esse período foi carregado de forte precarização do trabalho na coleta da castanha, a ponto de as estimativas da época darem conta de que, a cada 100 trabalhadores, apenas 75 conseguiam voltar à Imperatriz, conforme relatos extraídos da Academia Imperatrizense de Letras (2002, p. 22 apud FRANKLIN, 2008, p. 50). Essa atividade, portanto, constituía-se em um ciclo vicioso, no qual os trabalhadores eram explorados e nunca atingiam as condições necessárias para seu sustento.

4.2 *Crescimento e desenvolvimento*

Do segundo momento fazem parte, respectivamente, os ciclos constituídos pelas atividades da rizicultura, madeireira e aurífera (figura 4). Todo esse período tem como caráter essencial o fornecimento das bases para a consolidação atual de Imperatriz. É neste período, compreendido por essas três atividades, que Imperatriz, agora elevada à categoria de município e com este nome, passa a ter maior protagonismo no cenário regional. Na ocasião, estava superado o primeiro centenário da cidade até que a atividade da rizicultura passasse a ser o alicerce da economia.

O ciclo do arroz, período compreendido entre os anos de 1955 até a década de 1970, traz consigo o primeiro grande crescimento experimentado por Imperatriz. Esse crescimento é tanto de ordem estrutural como de mudanças profundas na área urbana e no quantitativo populacional (BARBOSA, 2015). Dessa forma, o “[...] desordenado crescimento populacional e econômico, para o qual não houvera previsão nem planejamento, fez surgir problemas de diversas naturezas, como os de saúde, habitação e abastecimento de gêneros alimentícios [...]” (FRANKLIN, 2008, p. 129).

Vale lembrar ainda que a década de 1960 foi marcada pelo início da consolidação de Imperatriz, não somente pela força de sua produção de arroz, mas, sobretudo, pela inauguração da Rodovia Belém-Brasília. A rodovia (figura 6) começou a ser construída no governo do presidente Juscelino Kubistchek, no ano de 1958, em três frentes de trabalho, uma delas tendo como referência a cidade de Imperatriz. A estrada foi de importância decisiva para a interligação do município com o restante do país, permitindo o escoamento da produção de arroz, entre outras benesses.

Figura 6

ASPECTO DA RODOVIA BELÉM-BRASÍLIA (BR – 010). (A) IMAGEM HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO DA RODOVIA NA REGIÃO TOCANTINA (DÉCADAS DE 1950 A 60); (B) RODOVIA EM IMPERATRIZ – MA (2016)



Fonte: Matéria do site Notícia da Foto. Disponível em: <<http://www.noticiadafoto.com.br/2016/02/fotos-historicas-da-construcao-da-br.html>> e pesquisa de campo (2016).

Essa rodovia atraiu muitos migrantes e, após sua implantação, Imperatriz torna-se uma cidade populosa. Lima (2008) destaca que a BR-010 também trouxe outras consequências, provocando inclusive destruição ambiental, desintegração social e cultural, bem como conflitos pela posse da terra, ao concordar com as afirmativas apontadas por Hébette (1991 apud Lima, 2008, p. 85).

Referindo-se ao quantitativo de pessoas que ora chegavam em Imperatriz, Franklin (2008, p. 130) revela que “muitos dos que não conseguiam trabalho na Rodobrás [empresa responsável pela obra] vão se dedicar à agricultura, aumentando a demanda por terras e o volume da produção agrícola”. O referido autor (2008), em consonância com Coutinho (1994) e Sousa (2005), relata que o processo de expansão da cidade, movido pelo crescimento da população, após 1970, foi conduzido pelo

[...] próprio prefeito Mundico Barros quem teve que planejar e executar um novo traçado para a expansão do espaço urbano da cidade, atormentada pelo gravíssimo problema de moradia, que aumentava dia a dia. A saída encontrada foi abrir novas ruas, desde a Praça de Fátima [*hoje centro da cidade*] até a Rodovia Belém-Brasília, tendo como eixo central ruas paralelas à então BR-010 – hoje denominadas João Lisboa, Getúlio Vargas, Benedito Leite, Luís Domingues etc. –, além das transversais, desde a Coriolano Milhomem e a Souza Lima. A partir destas, outras ruas receberam nomes de estados brasileiros, partindo da região Norte: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí... até Guanabara. Após a rodovia, prolongou-se o arruamento pela Babaçulândia – extensão da Getúlio Vargas –, que dá acesso à cidade de João Lisboa. Foram também alocadas as Praças Tiradentes, Brasil, Lino Teixeira, 7 de Setembro (que depois se transformou no “Mercadinho” Vicente Fitz) e Esperança (depois loteada) (FRANKLIN, 2008, p. 130).

Durante o ciclo da madeira (1970 a 1985) houve um grande crescimento da cidade, pois “num primeiro período, exportava-se a madeira em toras, transportada em caminhões abertos e, ao mesmo tempo, [...] se instalavam no município dezenas de serrarias de pequeno e médio porte” (FRANKLIN, 2008, p. 140). Para este período, Barbosa (2015) enfatiza o aumento da produção e da extração de madeira na região sudoeste maranhense e, conseqüentemente, em Imperatriz e seus arredores. Desse modo, o desmatamento avançou, bem como reduziu-se o espaço da pequena agricultura, já prejudicada pelo avanço das fazendas de gado sobre as antigas áreas de rizicultura.

Silva (2011), explica que o ciclo da madeira foi estimulado pela migração de empresas sulistas para explorar o potencial madeireiro. Segundo o referido autor (2011), sua atividade foi caracterizada pela presença de inúmeras indústrias, que concentraram seus investimentos na região em virtude da grande quantidade de Ipê, Jatobá, Maracatiara e Mogno, esta última, em decorrência da extração desenfreada, hoje está extinta na região.

O ciclo do ouro nos garimpos do estado do Pará perdurou por pouco mais de uma década, entre os anos de 1980 a 1992. Foi como os ciclos da borracha e da castanha, um ciclo indireto, que não teve sua atividade diretamente em Imperatriz. Entretanto, os impactos, principalmente do garimpo de Serra Pelada (o garimpo com maior concentração de trabalhadores), foram significativos para o município maranhense, pois estava situado a apenas 350 quilômetros do garimpo. De acordo com Silva (2011), mesmo localizado no município de Curionópolis, no Pará, a busca pelo garimpo trouxe um grande avanço no comércio de Imperatriz.

Naquele momento, os trabalhadores de Imperatriz deixavam sua cidade para, então, empreender a aventura do ouro, ficando muitas das atividades econômicas exercidas no município impactadas pela ausência de mão de obra.

Se Imperatriz muito perdeu com a evasão de sua mão-de-obra da agricultura e das atividades urbanas, principalmente do comércio e da construção civil, por outro lado, uma vantajosa parcela da riqueza produzida nos garimpos circulou pela cidade na década de 80, transformando-se em bens e imóveis, produtos e serviços [...] (FRANKLIN, 2008, p. 154-158).

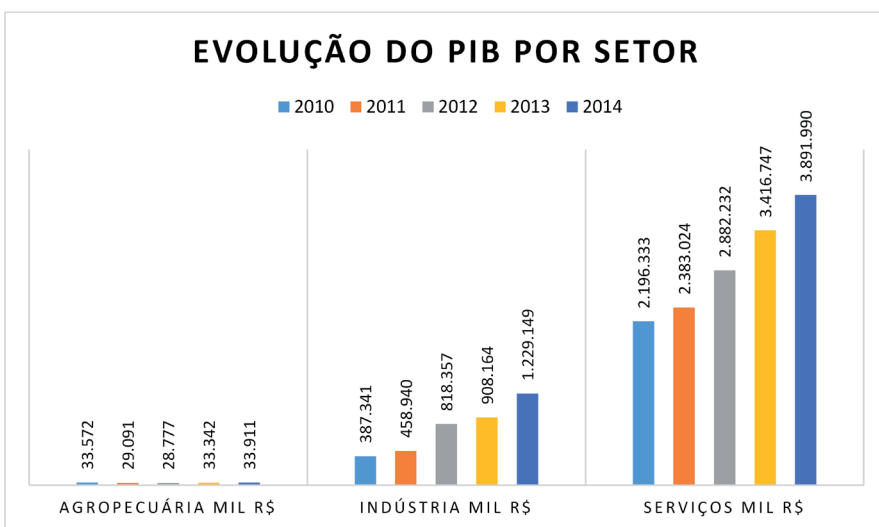
4.3 *Consolidação*

Por fim, o terceiro momento diz respeito à economia da indústria e de serviços, que hoje predomina na cidade, fazendo com que o município seja o segundo maior contribuinte para o valor adicional do PIB estadual, em relação a estes dois setores (IMESC, 2016). Deste modo, a força dos setores secundário e terciário imperatrizenses exerce grande influência sobre o que se conhece localmente como Região Tocantina, constituída pelo sudoeste do estado do Maranhão, o norte do estado do Tocantins e

o sudeste do estado do Pará. Embora essa região não seja reconhecida oficialmente pelo IBGE, é importante relatar que seu reconhecimento é recorrente em diversos trabalhos locais.

O PIB municipal revela a dinâmica econômica de Imperatriz, quando ressaltado o crescimento das atividades ligadas ao espaço intra e periurbano (figura 7). Assim, seu setor agropecuário não demonstra presença significativa na economia municipal: Este foi responsável por apenas 1,3% do valor arrecadado no ano de 2010. Se considerarmos o ano de 2014, o valor percentual mostra-se ainda mais reduzido, ou seja, de 0,7 %.

Figura 7
EVOLUÇÃO DO PIB DE IMPERATRIZ POR SETORES DA ECONOMIA, NOS ANOS DE 2010 A 2014



Fonte de dados: IMESC (2016), elaborado pelos autores (2018).

Já o setor industrial, ligado às indústrias de transformação e construção civil, teve um crescimento na participação do PIB de 14,8%, em 2010, para 23,8%, em 2014. Segundo o IMESC (2016), as principais atividades que contribuem para esse resultado são a indústria de papel e celulose e, em menor intensidade, a indústria química (branqueamento de celulose).

Apresentando a maior contribuição para o PIB municipal, as principais atividades ofertadas pelo setor de serviços são o comércio, a manutenção e a reparação de veículos, a administração pública, as atividades

imobiliárias, os alugueis e transportes, além dos serviços de armazenagem e correio (IMESC, 2016). Este setor, que já foi responsável por mais de 80% do percentual do PIB, nos anos de 2010 e 2011, mostra-se em pleno crescimento. No ano de 2014, este percentual sofre uma pequena redução para 75,5%, fato que pode ser evidenciado pelo aumento de outras atividades, notadamente a industrial.

No que tange ainda ao setor de prestação de serviços, Franklin (2008) já destacava os serviços educacionais, de saúde, hospedagem e alimentação e o setor automotivo. O autor, ressalta que:

Na condição de uma das principais cidades médias do nordeste brasileiro, detentora de uma das maiores taxas de densidade populacional e integrada aos grandes centros culturais e econômicos do país, Imperatriz consome em serviços o que é típico a qualquer cidade de seu porte, com o diferencial de ter seu mercado alargado a mais de 80 municípios da região, onde reside uma população superior a 1,6 milhão de habitantes (FRANKLIN, 2008, p. 197).

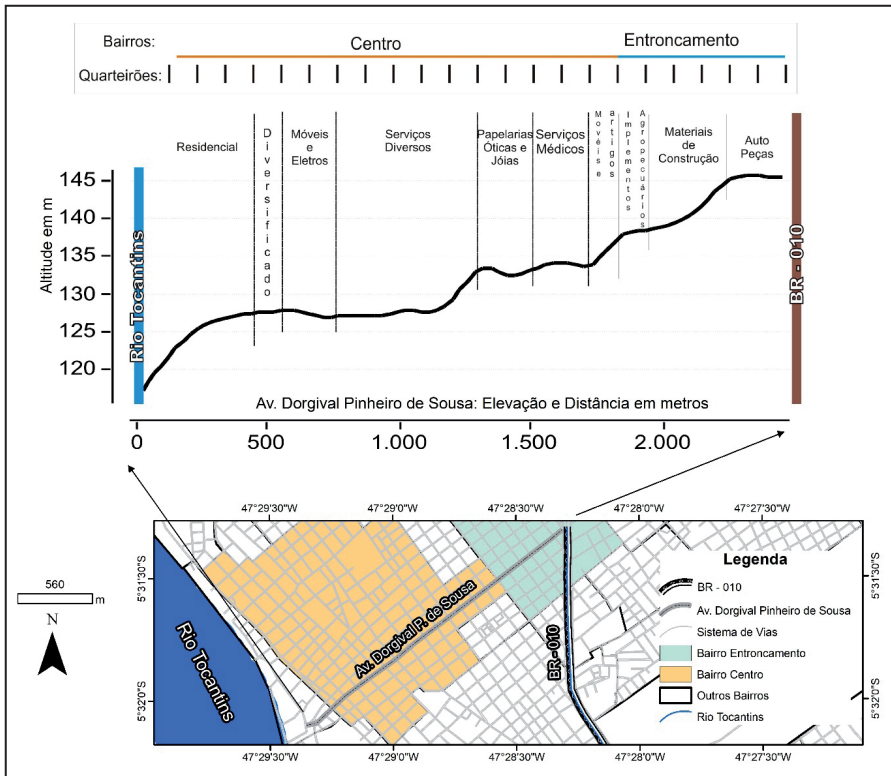
Sousa (2005; 2015), por sua vez, analisa a hegemonia imperatrizense a partir dos serviços oferecidos pelo comércio varejista e atacadista, pelo setor de autopeças, além da oferta de educação superior, dos serviços públicos e privados de saúde e do setor da construção civil, de modo que identifica uma polarização em todos estes setores.

Desta forma, ao concluir seu trabalho, o autor citado (2015, p. 505) assevera que “as transformações ocorridas na cidade, a partir da década de 1980, derivadas da atividade comercial e da prestação de serviços, confirmam a célere transição da sociedade rural imperatrizense à constituição de uma sociedade urbana e terciária”. Portanto, a Imperatriz de hoje destaca-se no cenário econômico regional sul maranhense a partir das atividades de seu setor terciário.

Nesta abordagem, Lima (2008) faz um levantamento das atividades comerciais em sua principal avenida, a Avenida Dorgival Pinheiro de Sousa, importante via arterial que direcionou a expansão urbana da cidade, estendendo sua análise às ruas paralelas, tais como a Rua Getúlio Vargas e a Luís Domingues. Em complemento às observações da autora, efetuou-se a espacialização cartográfica dessas atividades, com dados provenientes também de vistorias feitas *in loco*, obtendo-se, como produto, as informações apresentadas na figura 8.

A Avenida Dorgival P. de Sousa corta dois dos principais bairros da cidade, o Entroncamento e o Centro. O primeiro é a porta de entrada para o centro da cidade, pela rodovia BR-010, e o segundo constitui-se na área central da cidade. É possível, por meio da figura 8, observar em quais quarteirões estão presentes as atividades e a curvatura do relevo e a altitude do terreno no trecho considerado.

Figura 8
AVENIDA DORGIVAL PINHEIRO DE SOUSA (TRECHO BR-010 – RIO TOCANTINS) E SUAS ATIVIDADES COMERCIAIS



Fonte: Pesquisa de Campo (2016); Elaborado pelos autores (2017).

É importante esclarecer que não existe uma divisão totalmente nítida desse comércio na cidade, seja por bairros, setores ou ruas. Nesse mapeamento foi considerada a predominância das atividades por quarteirões e assim classificadas, conforme o enquadramento a seguir. Primeiro mapeou-se as atividades do comércio de autopeças, essa estritamente

ligada à proximidade com a BR-010 e ao trânsito de caminhões pesados que por ela circulam. Em seguida, os ramos de materiais de construção e de implementos agropecuários. Vale destacar que essas duas atividades possuem maior presença nas ruas paralelas, Getúlio Vargas e Luís Domingues.

É possível notar ainda um tímido comércio de móveis e artigos de casa, que se estende por aproximadamente um quarteirão, seguido pelos serviços médico-hospitalares em geral, na maioria clínicas particulares de diversas especialidades e também seguradoras de saúde. Logo após tem-se as papelarias, óticas e joalherias, acompanhadas por aproximadamente cinco quarteirões com atividades extremamente diversificadas, onde encontram-se desde postos de combustível, lanchonetes, loja de móveis planejados, igrejas, agências bancárias, escola pública e autoescolas, classificados como serviços diversos. Vale destacar que esse trecho é uma das áreas mais centrais da cidade.

Por fim, temos o setor das lojas de móveis e eletrodomésticos, por cerca de dois quarteirões, seguido por um trecho com serviços diversos logo após o Banco do Brasil, que separa o uso comercial do uso residencial da avenida. É importante observar como varia o nível altimétrico dessa avenida ao longo do seu percurso, visto que, enquanto em sua congruência com a BR-010 apresenta cerca de 145 m, em seu final – no trecho residencial – tem cerca de 120 m de altitude.

5. Conclusão

São diferentes as abordagens do processo de ocupação e também de consolidação de Imperatriz – MA. Este artigo não procurou trazer à luz juízo de valor sobre tais abordagens. Portanto, concordamos que o entendimento das atividades econômicas é essencial para a compreensão do processo histórico de ocupação, crescimento e desenvolvimento do município. Neste artigo, assumimos que cada período de pujança dos ciclos econômicos não são fechados, pois isso implicaria em definir limites temporais exatos, o que nem sempre é possível pois as atividades iniciam, em sua maioria, em concomitância umas com as outras, existindo uma fase de transição já

que a atividade mais recente requer tempo para se sobrepor à atividade anterior.

Assim, acreditamos que a visualização gráfica de um processo é sempre um exercício fundamental para seu entendimento, tornando-o mais elucidativo. Dessa forma, a abordagem aqui apresentada avança na medida que permite definir estágios ou períodos de desenvolvimento, sendo estes: “ocupação e exploração”; “crescimento e desenvolvimento” e “consolidação” da cidade. O primeiro, formado por atividades rudimentares, é marcado pelo emprego em massa da mão de obra braçal, na realização de tarefas. Deflagrou a exploração do território imperatrizense, que detinha uma extensão territorial cerca de dezoito vezes superior à atual.

O segundo apresenta uma tecnificação maior em relação ao período anterior e exibe atividades que demandam um trabalho assistido por um conjunto instrumental mecanizado mais desenvolvido, a exemplo do cultivo e do transporte do arroz; da derrubada da madeira; dos caminhões usados no transporte e; da extração do ouro, que demandaram, inclusive, infraestruturas viárias. Foi um período de atração de um elevado número de habitantes.

E, por último, a fase de consolidação econômica marcada pela presença da indústria e dos serviços urbanos especializados nas áreas de saúde e educação, bancários, automotivos, de hospedagem e alimentação, além dos comércios atacadista e varejista, do turismo de negócios, e do setor imobiliário. Atualmente, a cidade está submetida a essa dinâmica e as atividades urbanas têm desempenhado papel fundamental na economia local.

Referências

BARBOSA, Ronaldo dos Santos. Processo histórico de ocupação da bacia hidrográfica do Riacho Açaizal (MA). In: DIAS, Luiz Jorge B.; SANTOS, Luiz Carlos Araújo dos; BARBOSA, Ronaldo dos Santos (Org.). **Recursos hídricos e desenvolvimento regional: experiências maranhenses**. São Luís: Eduema, 2015. p. 71-103.

BARBOSA, Ronaldo dos Santos. **Diagnóstico Ambiental da Bacia Hidrográfica do riacho Açaizal no Município de Senador La Rocque/MA**. 2010. 123 f.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BECKER, Berta K. **Geopolítica da Amazônia**: a nova fronteira de recursos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1982.

BERNARDES, Júlia Adão. Mudança Técnicas e Espaço: uma proposta de investigação. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: Conceitos e temas**. 15. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012, p. 239-269.

COUTINHO, Milson. **Imperatriz**: subsídios para a história da cidade. São Luís: Sioge, 1994.

EGLER, Eugênia Gonçalves. Distribuição da População no Estado do Maranhão em 1940. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XIII, n. 1, p. 71-84, 1951.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. **Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense**. 269 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, São Paulo, 2008.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz, MA. Ética, 2005.

FRANKLIN, Adalberto; CARVALHO, João Renôr F. de. **Francisco de Paulo Ribeiro - desbravador dos sertões de Pastos Bons**: a base geográfica e humana do sul do Maranhão. Imperatriz, MA: Ética, 2005.

FRANKLIN, Adalberto; SOUSA, Jailson de Macedo. Formação socioespacial sulmaranhense: da emergência de Pastos Bons à constituição de uma região policêntrica. In: SOUSA, Jailson de Macedo (Org.). **O regional e o urbano no sul do Maranhão**: delimitações conceituais e realidades empíricas. Imperatriz, MA: Ética, 2013. p. 21-82.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico – 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

IMESC - Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Produto interno bruto dos municípios do estado do Maranhão 2015**. São Luís, v. 11, p. 1-70, 2017.

IMESC - Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Produto interno bruto dos municípios do estado do Maranhão:** período 2010 a 2014. São Luís, v. 10, p. 1-87, 2016.

LIMA, Rosirene Martins. **O rural no urbano:** uma análise do processo de produção do espaço urbano de Imperatriz-MA. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

MARTINS, Francisco Robson Saraiva; KAMIMURA, Quésia Postigo. Análise da ocupação do espaço territorial do município de Imperatriz – MA. **Anais do The 4th International Congress on University Industry Cooperation.** Taubaté/ SP – Brazil. december 5th through 7th, 2012.

ROCHA, Rosimary Gomes. O Processo de ocupação do Sul do Maranhão: Dinamismo econômico e des(re)ordenamento territorial. **InterEspaço**, Grajaú/ MA, v. 1, n. 1. p. 5-26, jan./jun. 2015.

SANCHES. Edimilson (Org.). **Enciclopédia de Imperatriz:** 150 anos. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

SANTIAGO, Clarindo. **Estradas Maranhenses:** A excursão do presidente Magalhães de Almeida, em 1928, para inauguração das novas rodovias sertanejas. Tupogravura Teixeira, Maranhão 1929.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, Paulo Bruno Bezerra. Imperatriz, do surgimento à grande potência econômica da região Sul Maranhense. **Revista Motivação**, 01 jul. 2011.

SOUSA. Jailson de Macedo. **A Cidade na Região e a Região na Cidade:** A Dinâmica de Imperatriz e suas Implicações na Região Tocantina. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SOUSA. Jailson de Macedo. **Enredos da Dinâmica Urbano-Regional Sulmaranhense:** Reflexões a partir da centralidade econômica de Açailândia, Balsas e Imperatriz. 558 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós- Graduação em Geografia, Uberlândia, 2015.

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense.** São Luís: IMESC, 2008.

Recebido em: 27/06/2018

Aceito em: 05/08/2018

